

# Generalidades, *Misticismo* e *Sedução*

**E**m artigo recentemente publicado neste Suplemento, a *Bienal* serve de pretexto para uma análise do trabalho que venho desenvolvendo. Como a análise possivelmente articula um ponto de vista de uma parcela da intelectualidade paulista, e como eu estou sendo enfocado pela análise como centro de uma "seita filosófica", creio que o artigo tem interesse mais amplo e exige uma resposta.

Se compreendi bem o intuito do artigo, estou sendo incriminado de três pecados capitais, a saber: (1) digo generalidades; (2) um estranho misticismo envolve meu comportamento; e (3) fascino sobremaneira muitos jovens. A consequência é que sou um espírito maligno, contrário ao ensino sistemático. O ataque é pois movido em defesa do estabelecimento, e é contra o "establishment" que devo defender-me. Devo confessar que a posição não me desagrada. Assim, reconfortado, passo a enfrentar as incriminações na ordem mencionada.

1 — Concordo plenamente em que a generalidade é uma praga, desde que o termo seja definido como "superficialidade" ou "banalidade". Com efeito, tra-

ta-se de um mal que marca o pensamento de países subdesenvolvidos em geral, e o brasileiro em particular, sendo, por isso, responsável, em grande parte, pela falta de um clima verdadeiramente propício à filosofia. No Brasil a generalidade, assim definida, assume, via de regra, a forma da conversa fiada sublime, na qual os termos grandiloquentes encobrem a pobreza de originalidade. Nesse sentido, sou totalmente favorável à posição defendida no artigo contra mim dirigido. Não tenho a mínima dúvida que a seriedade da pesquisa, a fidelidade aos textos, e a recusa disciplinada e deliberada de empreender vãos intelectuais fáceis é sintoma de reação sadia e leviandade e irresponsabilidade de um passado recente. E concordo, inclusive, em que o preço a ser pago por essa ação de saneamento mental é a chateza que acompanha pesquisas necessariamente minuciosas e empoeiradas. Se eu tivesse a escolha entre a grandiosidade pomposa e a minuciosidade mesquinha, escolheria, depois de alguma hesitação, a segunda alternativa.

Mas, felizmente, não creio que restam, aos pensadores brasileiros, apenas essas duas alternativas. Digo "fe-

lizmente", porque colocada diante desse dilema perderia a vida intelectual todo estímulo e todo encanto. Existe, a meu ver, pelo menos uma terceira possibilidade, e é a ela que me dedico. É esta: procurar, passada uma fase longa e árdua de pesquisas, alcançar uma posição que permita formular uma outra espécie de generalidades, a saber, generalizações fundamentadas sobre levantamentos particulares. Essas generalizações não serão, necessariamente, apenas peças ecleticamente costuradas de retalhos lidos em textos. No processo da generalização pode haver um momento criativo, um salto para um nível novo, que permita uma visão parcialmente original do terreno pesquisado.

Confesso que pode ser muito difícil distinguir-se entre as duas espécies de generalidades. E esta dificuldade vale tanto para mim, quanto para a crítica que contra mim investe. Infelizmente, é muito possível que grande parte das generalidades que formulo seja do primeiro tipo. Estas escaparam ao meu controle crítico, e são portanto produtos da leviandade, ou carecem de base suficientemente sólida para se sustentarem. Nesta caso será a

crítica que as derruba altamente construtiva. Mas felizmente é igualmente possível que haja, entre as generalidades por mim formuladas, algumas poucas que são do segundo tipo. Estas podem ter perfeitamente escapado à análise que é o assunto deste artigo. E se for este o caso, a análise não foi inteiramente bem sucedida. De qualquer forma, a análise prova o espírito sério e crítico que anula parte da nossa intelectualidade, e neste sentido ela pode ser considerada inteiramente bem sucedida.

2 — O estranho misticismo que envolve o meu comportamento é um problema ainda mais inquietante na cena atual do pensamento brasileiro. Não tanto por ter sido definido como "estranho". Porque creio, honestamente, poder explicá-lo. O meu comportamento é aquele que caracteriza todo empenho existencial na filosofia. Que seja chamado de místico, pouco importa. O nome aqui me parece ser apenas apelido. Mas que seja chamado de estranho, isto é grave. Pois se o comportamento filosófico é estranho a uma parcela séria e responsável da nossa intelectualidade, alguma coisa está profundamente errada. É sintoma de uma

alienação de uma determinada realidade, (para recorrermos a uma terminologia muito usada e repleta de generalidades). Com efeito, de uma realidade, (a "filosófica"), sem a qual todas as demais realidades carecem, a meu ver, de sentido. Permitam que insista um pouco sobre este ponto.

A meu ver, (que pode ser consequência do meu engajamento na filosofia), o problema se liga ao da "mediação", sobre o qual a análise tanto insiste. Trata-se do seguinte: para ser sujeito de algo, para poder lançar meus modelos sobre algo, a fim de conhecê-lo e modificá-lo, devo estar no contexto, devo ser situado. Se não estiver situado, nunca captarei um objeto, e me perderei em generalidades. Mas qual é esse contexto que me situa, que me oferece a mediação para a captação de algo? Para a análise da qual sou objeto, esse contexto é algo como o "subdesenvolvimento brasileiro". Este tipo de enfoque revela uma atitude antifilosófica, ou pelo menos afilosófica, inquietante. É que para este tipo de enfoque o contexto é sempre uma realidade social na qual me encontro. Mas a atitude filosófica reside, a meu ver, justamente

na consciencialização crítica de todos os enfoques, inclusive deste. A mediação aparece, nessa atitude filosófica, como um metamodelo que gera modelos. É óbvio que para eu ter modelos (ou para eu poder suspender modelos), devo estar situado em algum metamodelo. Nisto eu concordo. Mas é igualmente óbvio que para a filosofia a escolha não é apenas entre modelos, mas também entre metamodelos. E metamodelos do tipo "subdesenvolvimento brasileiro" aparecem, deste ponto de vista, como modelos tão superáveis quanto o são os modelos. E é este ponto de vista que se afigura "estranho" à análise do meu trabalho. Em suma: eu sou, para os meus críticos, alienado do metamodelo "subdesenvolvimento brasileiro", e os meus críticos são, para mim, alienados dos metamodelos com índices crescentes. Isto torna tão difícil um diálogo honesto. É um problema de tradução, porque a filosofia é uma metalingua da lingua que eles falam. Que estas minhas considerações sirvam de ponte.

3 — A sedução — o fascínio intelectual — que exerço sobre muitos jovens, (e não resisto à tentação

Vilém Flusser

de dizer que este tipo de incriminação não me parece ser nôvo na história da filosofia), levanta problemas que têm a ver com pedagogia. Não me julgo competente para tratar deles. Talvez não haja apenas um único método válido de ensino? E talvez vários métodos podem coexistir no mesmo contexto, e enriquecer-se mutuamente? Certamente este problema deve ser encarado, e discutido com isenção de ânimo e profundamente. Mas pretendo, neste momento, falar de outro aspecto.

Se de fato exerço fascínio intelectual sobre muitos jovens, (coisa da qual duvido), isto não se deve a alguma malignidade inata em mim, mas à filosofia. É a filosofia que é extremamente sedutora. Conheço bem essa sedução, e a sinto em todos os poros e nervos. Se consigo transmitir algo do seu encanto, (que é o encanto da libertação do imediato), dou-me por satisfeito. A crítica que me é movida neste caso baseia-se numa valoração preconcebida. "Seduzir" significa conduzir por maus caminhos. E qual é o "mal", no caso? Aquilo que não conduz para o "bom" caminho, isto é para o caminho reco-

mendado pela crítica contra meu trabalho. Mas, ao contrário dos meus críticos, eu não creio que posso partir para a filosofia já de posse do conhecimento do bom caminho. Pelo contrário, a filosofia é, para mim, uma série de caminhos duvidosos que buscam o bom caminho, (sem, talvez, jamais encontrá-lo). Isso prova, novamente, como é "estranha" a filosofia, e como ela é alheia a todo dogmatismo. Mas existe um sentido no qual o termo "sedução" se justifica. É este: a filosofia seduz por sua beleza. E para evitarmos toda axiologia preestabelecida, podemos talvez dizer, com Guimarães Rosa: "Tudo que é bom faz bem e mal".

A oportunidade para uma discussão filosófica, tão rara no nosso meio, é altamente bem-vinda. É claro que o tema da discussão é apenas aparentemente meu trabalho. Na realidade o tema é este: a filosofia é uma atitude humana, superior, portanto, as condições da geografia e história, embora essas condições a determinem em larga escala. O homem filosofa em todo lugar e sempre. Como deve fazê-lo aqui e agora, isto é no Brasil da atualidade?